

“POR QUE NÃO FALAS COMO TODOS OS CRISTÃOS?” RETÓRICA E ANECCLESIAMENTO NA EPÍSTOLA DE JOÃO II DE KIEV (c. 1076-1089) AO “ANTIPAPA” CLEMENTE III (1080-1100)¹

Leandro César Santana Neves²

Resumo: Propomos no seguinte artigo uma leitura retórica da resposta epistolar do metropolitano João II de Kiev (c. 1076-1089) ao “antipapa” Clemente III (1080-1100). Com mensagem expressando a preocupação do metropolitano com supostas práticas desviantes dos seguidores do rito latino, o documento é geralmente considerado pela historiografia como uma afronta bizantinista contra uma alegada tentativa de unificação eclesial entre as Igrejas de Rus e imperial. Argumentamos que o líder eclesial de Kiev legitima a sua própria Igreja, que conserva um sagrado cristalizado, ao dessacralizar a comunidade de fé latina, a qual insiste em interferir na tradição. Chamamos este processo de afirmação de uma comunidade eclesial através da negação das prerrogativas de determinar o sagrado de outra Igreja de “anecclesiamento”. **Palavras-chave:** metropolitano João II de Kiev; “antipapa” Clemente III; “anecclesiamento”; retórica; sagrado.

“WHY DON'T YOU TALK LIKE ALL CHRISTIANS?” RHETORIC AND ANECCLESING IN THE EPISTLE OF JOHN II OF KIEV (c. 1076-1089) TO “ANTIPOPE” CLEMENT III (1080-1100)

Abstract: We propose on the following article a rhetorical reading of the epistolary response from the metropolitan John II of Kiev (c. 1076-1089) to “antipope” Clement III (1080-1100). With the message expressing the metropolitan's concern over the supposed deviant practices of the Latin rite's followers, the document is often considered by the historiography as a Byzantine affront to an alleged tentative of unification between the Rus and the Imperial Churches. We argue that the ecclesiastical leader of Kiev legitimates his own Church, which keeps a crystalized sacred, when dessacralizing the Latin faith community, the latter which insists in tampering with the tradition. We call “anecclesing” this process of affirmation of an ecclesiastical community through the negation of another Church's prerogatives of determining the sacred.

Keywords: metropolitan John II of Kiev; “antipope” Clement III; “anecclesing”; rhetoric; sacred.

Mesmo que a excomunhão simultânea entre o patriarca Miguel Cerulário de Constantinopla (1043-1059) e a comitiva papal liderada pelo cardeal Humberto de Silva Cândia (†1064) no ano de 1054, disputa comumente denominada “Grande Cisma do

¹ Este artigo é resultado da disciplina “Tópicos especiais em cultura, poder e representações: Retórica e Análise Retórica”, ministrada pelas professoras Dra. Anita Correia de Lima Almeida e Dra. Claudia Beltrão da Rosa no Programa de Pós-Graduação em História da UNIRIO; disciplina esta que tive o prazer de participar como ouvinte. Agradeço imensamente às referidas professoras pela permissão de acompanhar as aulas e pelas contribuições ao artigo. De igual modo, agradeço a Renan Perozini Gomes Barrozo e Willian Vidal Reis pelas sugestões e correções aplicadas ao texto final. Qualquer erro aqui presente é de total responsabilidade do autor.

² Doutorando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS-UFRJ) e bolsista CNPq, orientado pelo professor Dr. Gabriel de Carvalho Godoy Castanho. Membro do LATHIMM – Laboratório de Teoria e História das Mídias Medievais (USP/UFRJ), núcleo Rio de Janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8829-313X>. E-mail para contato: lcneves.clio@gmail.com

Oriente” ou “Cisma Oriental”³, seja atualmente considerada pela historiografia como um acontecimento de pouca importância ou, nas palavras de Jean-Claude Cheynet, um “não-evento” (CHEYNET, 2007, p. 311), um tipo de literatura polêmica foi difundido nos territórios seguidores do rito grego: listas de práticas dogmáticas, litúrgicas e morais da Igreja de rito latino consideradas desviantes de uma norma teoricamente universal (KOLBABA, 2000, *passim*).

Essa produção literária, cujo propósito seria afirmar o próprio sagrado cristão a partir da negação de uma sacralidade (e prerrogativa de defini-la), foi especialmente popular em Rus⁴, com quase uma dezena de escritos de clérigos e monges contra a chamada “heresia latina” compostos ou traduzidos entre meados dos séculos XI e XII sobrevivendo até nossos dias (SYKES, 2017, p. 28-29). A autolegitimação da Igreja de Rus era geralmente conseguida a partir do convencimento de um público variado que a forma de organização eclesiástica em torno de um sagrado cristão como delimitado pelo rito grego é a forma correta. Todavia, a afirmação desta comunidade de fé em particular a partir da negação de uma sacralidade da Igreja de Roma não se apoia em um modelo fechado ou de uma vulgar “retórica vazia”, alcinha que a arte do convencimento ganhou a partir da modernidade (WELLBERY, 1998, p. 15-25; PERELMAN, 1987, p. 234).

A mobilização dos erros latinos como elemento definidor da comunidade eclesiástica rus seguia critérios conforme a necessidade da audiência ao qual deveria saber quais eram as práticas desviantes, seja para diferenciar os elementos dissonantes de um sagrado tradicional, como foi a maioria dos usos das listas de erro em Rus (SYKES, 2017, p. 44, 50), ou, como no caso específico deste artigo, ensinar um líder eclesiástico sobre sua negligência com os assuntos celestiais e logo legitimar a sua Igreja como portadora do sagrado correto. Propomos neste trabalho a leitura retórica de duas listas de desvios apresentada sob formato epistolar, escritas pela maior autoridade da Igreja de Rus no período abordado, o metropolitano de João II⁵ de Kiev, e endereçada a uma autoridade eclesiástica supostamente superior, o “antipapa” Clemente III (1080-1100).

³ Para um debate historiográfico sobre o “Grande Cisma”, bem como os acontecimentos no fatídico ano de 1054, ver BAYER, 2004.

⁴ Durante o recorte temporal abordado neste artigo, Rus compreendia a parte oriental de Belarus, o oeste e noroeste da Rússia e a quase totalidade atual da Ucrânia. A grafia é a mesma para a entidade política e para seus habitantes, portanto o uso capitalizado do termo refere-se ao reino (Rus), enquanto o não capitalizado significa aqueles que lá habitam (rus). É necessário frisar, contudo, que chamar o imbróglio de 1054 de “Oriental” consiste em uma visão orientalista que visa isentar o “Ocidente” católico de qualquer responsabilidade na cisão eclesiástica (CHRYSOS, 2004, p. 552-553).

⁵ João sendo a tradução ao português de *Ioann*, nome encontrado nas fontes em grego e em eslaviano oriental.

Ao tentar convencer o arcebispo de Roma dos erros de seus seguidores, trabalhamos com a hipótese de que João manipula seus argumentos a partir do uso de um sagrado inalterável e da alegação de detenção de uma verdade ancorada na tradição cristã, tópica recorrentes em textos de conteúdo heresiológico (GABRIEL, 2013, p. 4-5; ver ainda FOUCAULT, 1996, p. 16-19), construindo um argumento de *aneclesiamento*, isto é, a “[...] negação da qualidade de Igreja da comunidade de fé latina (NEVES, 2020, p. 38)”⁶, por meio tanto da posição do destinatário quanto da mescla de elementos retóricos das listas e do gênero epistolar.

O virtuoso e o pária

Apesar de haver um nível considerável de especulação historiográfica sobre sua vida, sabe-se quase nada de João II devido ao silêncio da documentação sobrevivente. O metropolitano sucedeu Jorge Sincelo (1062/5?-1076?), possivelmente no ano de 1076 ou 1077. Se este foi realmente o início de sua liderança da metrópole de Kiev, João, que veio a falecer em 1089, exerceu o posto eclesiástico durante o final do terceiro reinado de Iziaslav Iaroslavitch de Kiev (1076-1078) e grande parte do mandato de Vsevolod Iaroslavitch (1078-1093), também de Kiev⁷. Sua origem muito possivelmente era bizantina, com ao menos um selo sobrevivente atribuído ao clérigo (IANIN, 1970, p. 51) marcando sua posição eclesiástica. Por muito tempo, acreditou-se que seu nome verdadeiro seria Cristo Pródromo (*Khristos Prodromos*), e que tinha como sobrinho o notório escritor bizantino Teodoro Pródromo (século XII). Mesmo com a crítica de Alexander Kazhdan à hipótese do parentesco, pois se baseia na suposição de um erro de grafia (KAZHDAN & FRANKLIN, 1984, p. 99), diversos autores ainda se referem ao metropolitano como *João Pródromo* (KOSTROMIN, 2013, p. 13).

Para além do suposto laço sanguíneo, nada mais é conhecido sobre o metropolitano. Conforme a **Narrativa dos Anos Passados**, João II consagrou a Igreja de São Miguel em um monastério erguido por Vsevolod Iaroslavitch, e na entrada de 1089 a fonte registra sua morte (SIMONE, 2019, p. 227). No **Paterik do Monastério das Cavernas de Kiev**,

⁶ “[...] the denial of the ecclesiastical quality of a community of Christian faith”. (tradução nossa). Ressaltamos aqui que por *Igreja*, compreendemos uma comunidade de fé hierarquizada que se organiza social e espacialmente em torno de concepções de um sagrado cristão, este “domesticado” e deliberado por um conjunto de especialistas (clero e monges). Logo, o *aneclesiamento* consistiria na recusa da prerrogativa de certos especialistas em dizer o sagrado.

⁷ Sobre este período, ver FRANKLIN & SHEPARD, 1996, p. 249-259.

o metropolitano também seria responsável pela consagração da Igreja da Mãe de Deus pertencente ao claustro, Outrossim, João recusou-se a consagrar uma mesa de madeira por não condizer com a magnanimidade do templo (PATERIK, 1989, p. 15-17). É interessante ressaltar que João, ao contrário de seus antecessores e sucessores, ganhou uma pequena e positiva eulogia que inspirou grande parte das produções que lhe mencionam:

No mesmo ano⁸, faleceu o metropolitano Ioan. Foi Ioan homem conhecedor dos livros e do estudo, misericordioso com os pobres e com as viúvas, e meigo com todos, o rico e o pobre, e manso, e dócil, e calado, e eloquente, porém, ao consolar os tristes com os livros sagrados, e tal como ele nunca houve antes na Rus, nem depois dele haverá (SIMONE, 2019, p. 227-228).

João II foi um metropolitano calmo e inteligente, ao menos de acordo com a memorialística e a historiografia (ver KOLBABA, 2000, p. 175; PIKHOIA, 1957, p. 133); e essas ditas virtudes implicariam na construção de um caráter conciliatório do clérigo. Em nenhum outro escrito do metropolitano esta propensão quase natural à resolução de conflitos é tão celebrada como em sua epístola sobre supostos desvios praticados latinos. O conteúdo do documento é ocasionalmente tratado como uma resposta à uma carta que não nos sobreviveu, onde João II recebera anteriormente a respeito de uma proposta de aliança eclesiástica com seu destinatário (NAZARENKO, 2003, p. 546). Por um capricho do tempo, conhecemos quem trocou correspondências com o metropolitano, e ironicamente sabemos muito mais sobre o destinatário da epístola que sobre aquele que a enviou: Guiberto, arcebispo de Ravena, mais conhecido como o “antipapa” Clemente III.

Clemente III foi uma figura importante na história do Papado medieval, mas não é nosso propósito fazer uma biografia sobre o clérigo. Contudo, há duas informações sobre a vida de Guiberto que ajudam a entender melhor a epístola de João II. O primeiro é seu título desonroso de “antipapa”, construção feita por seus opositores do papado reformador e perpetuada na historiografia (FALCONIERI, 2013, p. 127; ver também RUST, 2013, p. 149-176). O tratamento do metropolitano ao suposto papa sugere que Guiberto, na concepção de João, *era* de fato o sumo pontífice de Roma, como presente na saudação da epístola:

Teu amor para com o Senhor é para mim amável, ó *homem de Deus, digno do trono e do título apostólico* que, sentando-se longe de nossa insignificância e humildade, nos alcança e nos beija com asas amorosas,

⁸ 6597, versão *anno mundi* de 1089.

como se estivéssemos próximos de ti, com amor, e imploras espiritualmente e te maravilhas com nossa fé, verdadeira e ortodoxa, a qual conservamos, e como o bispo anunciou tua sacralidade (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 30; 35, grifos nossos).

A segunda informação sobre a vida de Guiberto útil para nossa análise encontra-se em seu grande protetor, o rei Henrique IV do Sacro Império (1056-1106). Famoso, entre outras coisas, pela chamada “querela das investiduras” (ver RUST, 2011, p. 85-87), o monarca era inimigo do papado reformador, principalmente Gregório VII (1073-1085) e Urbano II (1088-1099), mas não mantinha relações hostis com Rus. De fato, um documento afirma que Henrique tinha como amigo um rei de Rus (NAZARENKO, 2003, p. 521), e é provável que o rei estivesse tentando expandir sua esfera de influência e legitimar-se em uma área importante, embora ignorada pela historiografia ocidental, dentro de uma concepção ecumênica (tanto politicamente quanto eclesiologicamente) de Cristandade europeia (RAFFENSPERGER, 2012, p. 81-83). A própria existência de uma carta entre ambas as lideranças eclesiásticas pode revelar uma relação de aparente respeito mútuo (CONSTABLE, 1976, p. 15-16), mostrando certa complexidade nas relações entre cristãos latinos e ortodoxos no pós-1054, tanto do lado eclesiástico quanto do laico.

A resposta sob forma epistolar foi enviada possivelmente em 1085 ou 1086 conforme Aleksandr Nazarenko, este afirmando que a carta original de Clemente III chegou em Rus antes do referido ano, e possivelmente tratava do casamento entre Henrique IV e Eupraxia Vsevolodovna († século XII), filha de Vsevolod e recentemente viúva de um margrave saxão (ZAJAC, 2017, p. 214-230; ver ainda RAFFENSPERGER, 2012, p. 81-83); e subsequente manutenção da aliança entre rus e germanos. Logo, faria sentido que João II respondesse antes do divórcio régio. Utilizaremos aqui a reconstrução da tradução ao eslavo oriental⁹ bem como a tradução para o russo na coletânea em versão bilíngue¹⁰ de Natalia Ponyrko (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 30-40), sendo nossas as traduções ao português.

A epístola trata de seis práticas errôneas dos pertencentes ao rito latino, impedindo a perpetuação da união eclesiástica: prática do jejum aos sábados, considerada como prática judaizante (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 32; 38); o consumo de leite e ovos em datas proibidas (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 32-33; 38); a não ordenação

⁹ Sobre o idioma eslavo oriental, ver SIMONE, 2019, p. 321-357.

¹⁰ Por isso a razão de citações aparecerem separadas por ponto e vírgula. No modelo de citação METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. x; y, x corresponde à reconstrução do eslavo original do texto, ao passo que y é a tradução ao russo.

de homens casados como padres e diáconos (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 33; 38); o segundo batismo de clérigos (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 33; 38-39); a questão da *filioque*, ou seja a menção que o Espírito santo provém do Pai e do Filho (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 33-34; 39); e talvez o desvio mais detalhado e importante no argumento de João, o uso de pães ázimos na eucaristia latina¹¹ (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 34-35; 39). O líder da Igreja de Rus ainda menciona mais de uma vez no documento que ouviu rumores de que os latinos se encontravam em outros tipos de práticas errôneas, mas não era seu objetivo falar destas nesta epístola (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 32; 38)¹². Vale ressaltar que nenhum destes erros foi exclusivamente denunciado pelo metropolita, estando presentes em diversas outras listas de práticas desviantes¹³, mas é irrelevante para este artigo se as acusações são originais ou não, pois as listas de erros eram sempre adaptadas para auxiliar a compreensão do público ou adicionando observações que os autores tiveram contato (DOBROVOLSKII, 2017, p. 182)¹⁴. O importante é a maneira pela qual João II tenta convencer Clemente que o suposto herdeiro do trono petrino é responsável pelos desvios de seu rebanho, e que os erros devem ser consertados quanto antes possível, tanto legitimando a Igreja de Rus (e a comunidade aderente ao rito grego como um todo) quanto deslegitimando a Igreja da “antiga Roma¹⁵”.

O *aneclesiamento* latino

“Não sei quem é o demônio ardiloso, invejoso, inimigo da verdade e adversário da devoção, que mudou tudo isso e rejeitou nosso e vosso amor fraterno e uma união cristã (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 30; 37)”, afirma João II logo após a saudação

¹¹ Pães eucarísticos que não levam fermento em sua composição. O uso de ázimos é o *topos* mais recorrente nas listas de desvios latinos. Sobre este recurso, ver ERICKSON, 1970, p. 155-176.

¹² Era uma convenção de gênero das cartas antigas e medievais serem breves e tratarem de somente um assunto (CONSTABLE, 1976, p. 20). Podemos especular que, na visão de João II, os erros presentes em rumores (consumo de carne proibida) são menos importantes que os seis citados e não são tão urgentes na definição da Igreja latina.

¹³ Como os tópicos da obra se repetem em listas anteriores e posteriores, não cabe nesta tese a análise minuciosa dos seis itens presentes na epístola, visto que já fora feita para os itens que se repetem ao longo deste gênero. Ver KOLBABA, 2000, p. 34-72 (explicação teológica e litúrgica dos desvios presentes no documento por nós abordado, assim como de outros erros presentes em outras listas).

¹⁴ O conteúdo das listas de erros proliferadas após 1054 repetia as denúncias presentes na epístola do patriarca Miguel Cerulário de Constantinopla ao patriarca Pedro III de Alexandria (1052-1056), enviada pouco após a excomunhão do bizantino pelos legados papais (KOLBABA, 2000, p. 26).

¹⁵ A associação de uma “antiga Roma” que estava em comunhão ecumênica com a grande Igreja com uma nova Roma corrompida por diversos fatores consiste em um *topos* recorrente na polêmica antilatina de Rus (por exemplo, ver METROPOLITA JORGE SINCELO DE KIEV, 2004-2005, p. 45-46).

acima mencionada. O metropolitano insinua logo no exórdio da epístola que há algo de errado na relação de ambas as comunidades de fé, ao ponto de danificar o amor fraterno e de fraturar a Grande Igreja. Mas a desordem não vem do lado do remetente. Já é possível perceber a culpabilização dos latinos pela divisão eclesiástica, contudo João ainda não assume um tom agressivo (afinal, o bispo de Roma ainda era uma posição a ser respeitada mesmo para quem seguia o patriarca). “De maneira alguma estou dizendo que não sois cristãos [...], mas tal que vós não guardais a fé cristã em tudo, e de muitas maneiras compartilha conosco (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 31; 37)”. João então recorre aos Sete Concílios Ecumênicos para explicar as raízes da união eclesiástica de um modo indireto: “Naqueles santos concílios todos os papas, *dignos do trono de São Pedro*, pensavam, agiam e oravam em acordo conosco (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 31; 37, grifos nossos)”.

A presença dos Sete Concílios Ecumênicos revela uma concepção eclesiológica conciliar e ancorada na autoridade da tradição para João II. A menção aos eventos formadores do cânone eclesiástico claramente não ocorre por acaso na argumentação do metropolitano, pois eles consistem na principal justificativa para a denúncia dos desvios. Dissertando acerca do consumo de leite e queijo no primeiro dia da Quaresma, por exemplo, o metropolitano cita diretamente uma passagem do Concílio de Trullo (562)¹⁶: “Se alguém não perceber isso [o consumo], *se é um clérigo*, será *repudiado do título*; se pois ele for *laico*, será *excluído da Igreja* (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 33; 38, grifos nossos)”. Ainda, ao enumerar os “dignos do trono de São Pedro” que tomaram parte nos importantes sínodos – os papas Silvestre I (314-355), Dâmaso I (366-384), Celestino I (422-432), Leão I (440-461), Vigílio (537-555), Agatão (678-681) e Adriano I (772-795) – e sua importância para a Grande Igreja, o líder eclesiástico de Rus exerce certa pressão sobre Guiberto ao evidenciar o legado romano que o “antipapa” está deixando de lado. Os Concílios Ecumênicos são portanto elementos que proporcionam uma base comum para o diálogo entre o hierarca e o “antipapa”, essencial na argumentação (PERELMAN, 1987, p. 235), e o conhecimento sobre esses elementos consiste em um argumento de autoridade que fundamenta uma visão dita correta sobre a percepção dos erros. Logo, João faz uso destes para tentar ensinar Clemente sobre os desvios de seu rebanho.

Ainda sobre os Concílios Ecumênicos, seu uso como tópica modifica as relações de força presentes no documento. Para alertar seu superior espiritual sobre seu

¹⁶ Importante ressaltar que a Igreja de rito latino não considerava as decisões do concílio de Trullo na formação do cânone cristão, podendo também ser indício de uma desobediência latina com a tradição cristã.

comportamento desviante, João logicamente assumiria um papel de inferioridade no tratamento dado a Clemente. Ora, a balança simbólica do poder pesa mais para o arcebispo de uma das Igrejas da Pentarquia (a que possui o primado, inclusive!) do que para um mero metropolitano da sexagésima segunda metrópole subordinada a Constantinopla (DARROUZÈS, 1963, p. 343). Mas João consegue, em um primeiro momento inverter estas medidas com frequência e se colocar no mesmo patamar, talvez até acima, do papa. O mesmo elogio serviria, no contexto do argumento, como um vitupério, e reforçaria a autoridade do hierarca da Rus para admoestar o herdeiro do trono petrino. Vejamos a seguinte colocação do metropolitano:

Escrevemo-te sobre somente seis dos muitos pecados dos quais ouvimos. *Se aceitares* isso com mansidão e atenção, mais tarde *escreveremos sobre sua misericórdia*. Pois se esse é o caso, *ó santo papa*, como ouvimos, então, tendo experimentado isso, *sabe que entenderás que estás violando as regras* dos santos apóstolos e os Sete Santos Concílios ecumênicos, nos quais vossos primeiros patriarcas estavam falando e de acordo com tudo (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 32; 38, grifos nossos).

Um primeiro contato com este parágrafo seria certamente guiado pelo poderoso vocativo de João (*ó santo papa*), mostrando que o metropolitano segue e respeita a hierarquia. O chefe da Igreja de Rus, contudo, parece inverter sua posição ao sugerir e acusar. Isto acontece devido ao caráter pedagógico dos escritos ao enumerar as atitudes desviantes e da razão das práticas serem erradas. Deste modo, o ensino e a demonstração da erudição aparecem como fonte de autoridade e, assim, o metropolitano constrói-se como o especialista do verdadeiro sagrado. Ao mesmo tempo, nos exórdios das epístolas, João se mostra em um primeiro momento inferior ao utilizar-se da tópica da humildade. É possível, todavia, que seu tom a princípio ambivalente seja mais que uma mera inversão da hierarquia: esta pode estar sendo mantida supondo que, por seguir rigorosamente o que manda a tradição eclesiástica, a qual determina a validade acerca do poder sobre o sagrado conforme o metropolitano. Lembremos que João repete três vezes uma fórmula eclesiástica em suas citações diretas de documentos conciliares, “se um eclesiástico fizer x, será *repudiado do título*”, com x sendo o erro que a passagem se refere. Nesta repetição didática, ao negligenciar as práticas daqueles sob a sé de Roma, Clemente perde sua condição clerical apesar de ainda segurar o título papal.

Faz-se necessário reiterar que o suposto primaz do patrimônio petrino, que teoricamente é responsável pelo dizer o sagrado em sua comunidade, não tem esta capacidade por sua relação com os desvios. Se o papa, líder de uma comunidade eclesial,

tem conhecimento sobre as atitudes consideradas errôneas, mas as ignora, então ele é tão herege quanto os desviantes por não tomar qualquer providência, o que excluiria a *Ecclesia* de uma ecumenicidade. A autoridade sobre o sagrado considerado correto da Igreja de rito grego é confirmada, pois sua eficácia é encontrada em um clero e um corpo de fiéis moralmente correto. Logo a Igreja de Rus é superior à comunidade os latinos. O aneclesiamento da *Ecclesia* define então o sagrado correto que ordena a Igreja de Rus, este que se manifesta na moral clerical. Retomando aos Concílios Ecumênicos, João II lhes atribui um peso importante para pensar a comunidade cristã universalista: “Todos reconhecem todos os Sete Grandes Concílios Ecumênicos, onde testou-se e fortaleceu nossa fé cristã piedosa e ortodoxa (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 31; 37)”.

Assim como os cânones conciliares, a noção de uma única comunidade cristã também se configura em um dos elementos básicos que compõem a argumentação de João e também a essência do sagrado que a dá coesão e a ordena (CARRIER, 2006, p. 138-140; ver ainda GRIFFIN, 2019, p. 10-13) como uma Igreja, explicando a revolta do metropolitano quando há a “aparente” vontade de mudá-lo e causando a exclusão da comunidade rebelde. Talvez o maior exemplo do aneclesiamento latino na epístola de João seja a seguinte pergunta em sua crítica à *filioque*, contestando a razão da mutabilidade do credo niceno se no restante da Grande Igreja há um padrão de fala:

[...] Se, dos fins aos confins do universo, *em todas as igrejas cristãs cantam*: “Cremos no Espírito Santo, o Senhor, o Doador da vida, o que procede do Pai, o qual juntamente com o Pai e o Filho é adorado e glorificado”, por que *não falas como todos os cristãos?* (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 34; 39, grifos nossos)

A nomeação de heresias ao longo do documento corrobora com a tentativa do metropolitano de convencer o “antipapa” de sua persistência no erro e eventual expulsão da Grande Igreja. O consumo de alimentos impróprios no domingo da Quaresma é associado aos armênios e jacobitas (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 33; 38), e tanto o jejum no sábado quanto o uso de pães ázimos na eucaristia, este último sendo a “[...] raiz da grande heresia (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 33; 39)”, constituem-se em práticas judaizantes. Tal como os Concílios, as heresias corroboram a retórica de exclusão do metropolitano, pois a interferência no sagrado necessariamente implica o aneclesiamento de uma comunidade. Tal como os armênios, os jacobitas e os judaizantes, os latinos se recusam a aceitar que o sagrado, conforme João II, é imutável, e que a tradição é inviolável.

O metropolitano, contudo, não descarta uma possível redenção de Clemente III. Eis aqui a chave para uma leitura retórica de João: o “antipapa” deve ser convencido que sua comunidade está no erro e, por negligência, ele também desvia como líder, mas ambos podem retornar à unidade eclesial dos tempos conciliares *se Clemente III assumir sua postura desviante*. Em seu prólogo à epístola de João, Natalia Ponyrko ressalta que apesar da civilidade com que ele trata o papa imperial, ao mesmo tempo, o metropolitano rejeita totalmente qualquer reconciliação eclesial buscada por Clemente (PONYRKO, 1992, p. 28). Percebemos porém o oposto: João é favorável e parece até mesmo desejar a união das Igrejas, como antes nos tempos em “[...] que todos cultuavam da mesma maneira (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 30; 37)”, mas o metropolitano afirma o seu rito como sendo o correto, pois a latina não tem mais condições de determinar o sagrado graças aos seus erros. Se João não quisesse (ao menos demonstrar) a retomada da união, não teria citado por completo “Eu vos exorto, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo: guardai a concórdia uns com os outros, de sorte que não haja divisões entre vós; sede estreitamente unidos no mesmo espírito e no mesmo modo de pensar (1Co 1:10; reproduzido em METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 32; 38)”, versículo paulino que justamente aconselha evitar discórdias e a pensar e agir de maneira uníssona.

João termina a epístola implorando o arrependimento de seu destinatário, urgindo para que Clemente III recorra às orações e às Escrituras, e que do mesmo modo escreva ao Patriarca de Constantinopla e aos “santos metropolitanos” buscando espiritual. João conclui sua epístola disponibilizando a si próprio para ajudar o papa, novamente reforçando sua autoridade sobre o discernimento e determinação de um sagrado cristão “correto”, e saúda em nome dos rus:

Eu, o insignificante João, metropolitano de Rus, saúdo a ti e a todo o clero e todas as pessoas do mundo que estão sob ti. Te saúdam os santos e magníficos bispos e hegúmenos, os piedosos reis e grandes pessoas conosco. Que a graça do Espírito Santo esteja contigo e com todos os teus. Amém (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 35; 40).

João tenta convencer o “antipapa” que ele está errado e que sua Igreja é na verdade uma “ex-Igreja”, mas que o aneclesiamento é reversível contanto que o bispo imperial conserte suas práticas *conforme as práticas do remetente*. Somente pelo arrependimento e reconhecimento tanto de seus erros quanto da superioridade do rito grego-rus (o único universal e correto conforme a lógica argumentativa do metropolitano) e parar de tentar interferir no sagrado, Clemente III conseguirá restaurar o status de Igreja de sua

comunidade de fé.

Conclusão

A ausência da suposta epístola original de Clemente III que João II teria respondido no documento por nós analisado dificulta qualquer afirmação sobre reais intenções do metropolita ao retornar a correspondência para além da supostamente recusa em colaborar com a expansão do poder de Henrique IV e do “antipapa” a partir da união entre a Igreja de Rus e a Igreja imperial. Da mesma maneira, não nos convencem os argumentos acerca da completa rejeição ao diálogo ao mandar o papa contactar Constantinopla.

Não nos parece que João é um “[...] conservador religioso bizantino que se opunha a relações com os latinos (RAFFENSPERGER, 2012, p. 170)”, mas um metropolita mais que disposto a restaurar a ecumenicidade. Como João é apenas um “insignificante (METROPOLITA JOÃO II, 1992, p. 35; 40)” clérigo, ele redireciona seu destinatário ao patriarca; ao mesmo tempo, ele se coloca no mesmo patamar do herdeiro do trono petrino ao ensinar a correção de seus erros. Se a alegada proposta de união dos germânicos foi realmente feita, primeiro o “antipapa” deveria consertar seus erros e reconduzir seu rebanho, trazendo assim a Igreja latina novamente para a Grande Igreja. Mas enquanto isto não acontecia, Roma estava aneclesiada.

Documentação:

DARROUZÈS, Jean, A.A. **Notitiae episcopatum Ecclesiae Constantinopolitanae: texte critique, introduction et notes**. Paris: Institut français d'études byzantines, 1981.

METROPOLITA JOÃO II. K arkhiepiskopu rimskomu ot Ioanna, mitropolita russkogo, ob opresnokakh. In: PONYRKO, Natalia V. **Epistoliarnoie nasledie Drevnei Russi, XI – XIII vv.** São Petersburgo: Nauka, 1992, p. 30-40.

METROPOLITA JORGE SINCELO DE KIEV. Stiazaniie c Latinoi, vin tchislom 70. In: BARANKOVA, Galina S. «Stiazaniie s latinoiu» kievskogo mitropolita Gueorguiia. **Lingvistitcheskoie, istotchnikovedeniie i istoriia russkogo iazyka, 2004-2005**, p. 45-58.

SIMONE, Lucas Ricardo. **Recontar o tempo: apresentação e tradução da Narrativa dos anos passados**. Tese de Doutorado (Doutorado em Literatura e Cultura Russa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2019.

The Paterik of the Kievan Caves Monastery. Traduzido, comentado e compilado por Muriel Heppell. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

Referências Bibliográficas:

- BAYER, Axel. **Spaltung der Christenheit: das sogenannte Morgenländische Schisma von 1054**. Colônia: Böhlau Verlag, 2004.
- CARRIER, Michel. **Penser le sacré: Les sciences humaines et l'invention du sacré**. Montréal: Liber, 2006.
- CHEYNET, Jean-Claude. Le schisme de 1054: un non-événement? In: CAROZZI, Claude; TAVIANI-CAROZZI, Huguette. **Faire l'événement au Moyen Âge**. Aix-en-Provence: Presses universitaires de Provence, 2007, p. 299-312.
- CHRYSOS, Evangelos. 1054: Schism? In: **Cristianità d'Occidente e Cristianità d'Oriente (Secoli VI-XI)**. Tomo Primo. Spoleto: Fondazione Centro italiano di studi sull'alto medioevo, 2004, p. 547-567.
- CONSTABLE, Giles. **Letters and Letter Collections (Typologie des Sources du Moyen Âge Occidental, 17)**. Turnhout: Brepols, 1976.
- FALCONIERI, Tommaso di Carpegna. Popes through the Looking Glass, or «Ceci n'est pas un pape». **Reti Medievali Rivista**, 13, 1 (2012), p. 121-136.
- DOBROVOLSKII, Dmitrii A. Drevnerusskiiie antilatinskiie sotchineniia XII–XIII vv. kak istoricheskie istotchniki. **Dialog so vremenem: Almanakh Intellektualnoi Istorii**, № 61, 2017, p. 174-190.
- ERICKSON, John H. Leavened and Unleavened: Some Theological Implications of the Schism of 1054. **St. Vladimir's Theological Quarterly**, n° 14, p. 155-176, 1970.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 3ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FRANKLIN, Simon; SHEPARD, Jonathan. **The Emergence of Rus 750 – 1200**. Essex: Longman, 1996.
- GABRIEL, Frédéric. Qualifications de la communauté et autorité de la Tradition: l'histoire des dogmes comme construction ecclésiale, de Torquemada à Lethmaet (XVe-XVIIe siècles). **Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre | BUCEMA [En ligne]**, Hors-série n° 7, p. 1-13, 2013.
- GRIFFIN, Sean. **The Liturgical Past in Byzantium and Early Rus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- IANIN, Valentin L. **Aktovye petchati drevnei Russi X – XV vv. Tom I: Petchati X – natchala XIII v**. Moscou: Nauka, 1970.
- KAZHDAN, Alexander; FRANKLIN, Simon. **Studies on Byzantine Literature of the Eleventh and Twelfth Centuries**. Cambridge e Paris: Cambridge University Press; Maison des Sciences de l'Homme, 1984.
- KOLBABA, Tia. **The Byzantine Lists: Errors of the Latins**. Champaign: University of Illinois Press, 2000.
- KOSTROMIN, Konstantin A. **Razvitiie antilatinskoi polemiki v Kievskoi Russi (XI – seredina XII v.)**. Stranitsy istorii mejtserkovnykh otnochenii. Saarbrücken: Sanktus, 2013.
- NAZARENKO, Aleksandr V. **Drevniaia Rus na mejdunarodnykh putiakh: Mejdistsiplinarnye otcherki kulturnykh, torgovykh, politicheskikh sviazei IX – XII vekov**. Moscou: Iazyki Russkoi Kultury, 2003.
- NEVES, Leandro César S. The «aneccesing» of the Latin Church in metropolitan polemical writings (XI century). **Novogardia**, № 2 (6), p. 37-56, 2020.
- PERELMAN, Chaim. Argumentação. In: ROMANO, Ruggiero. **Enciclopédia Einaudi. Vol. 11: Oral/Escrito/Argumentação**. Maia: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1987, p. 234-265.
- PIKHOIA, Rudolf G. Vizantiiskii monakh — russkii mitropolit Ioann II kak kanonist i diplomat. **Antitchnaia drevnost i sredniie veka**, № 11, p. 133-144, 1975.

RAFFENSPERGER, Christian. **Reimagining Europe: Kievan Rus' in the Medieval World, 988 – 1146**. Cambridge: Harvard University Press, 2012.

RUST, Leandro Duarte. **A Reforma Papal (1050-1150): Trajetórias e Críticas de uma História**. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

_____. **“Colunas de São Pedro”: a política papal na Idade Média Central**. São Paulo: Annablume, 2011.

SYKES, Catherine Philippa. **Latin Christians in the literary landscape of Early Rus, c. 988-1330**. Tese de Ph.D. Cambridge: Newnham College (Cambridge University), 2017.

WELLBERY, David E. **Neo-Retórica e Desconstrução**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 1998.

ZAJAC, Natalia. **Women Between West and East: the Inter-Rite Marriages of the Kyivan Rus' Dynasty, ca. 1000-1204**. Tese de Ph.D. (Estudos medievais). Toronto: University of Toronto, Centre for Medieval Studies, 2017.